

Élio Gomes

A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E ECONOMIA EM AMARTYA SEN

Área de Concentração: Filosofia

Linha de Pesquisa: Ética

Grupo de Pesquisa: Desafios para uma ética contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Édil Guedes

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2021

Élio Gomes

A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E ECONOMIA EM AMARTYA SEN

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia

Linha de Pesquisa: Ética

Grupo de Pesquisa: Desafios para uma ética contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Édil Guedes

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero louvar e reverenciar a Deus, por tanto bem e tanta graça concedidas. Gratidão aos meus pais pelo dom da vida e à família e amigos pelo apoio, encorajamento e pela confiança. E à Companhia de Jesus por ser esse corpo apostólico que não mede esforços para oferecer meios de excelência na formação acadêmica para que possamos exercer a nossa missão apostólica com competência, com consciência, com compromisso, com criatividade, para que atuamos no mundo sendo compassivos com os mais vulneráveis e empobrecidos de nossa sociedade.

À Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, por ter sido um espaço onde verdadeiramente pude saborear novas e profundas experiências no aprendizado dos estudos filosóficos. Ao competente corpo docente, expresso os meus sinceros agradecimentos e afeto. Com vocês aprendi a ver a realidade sob várias perspectivas, já não sou mais o mesmo, mas, sim, uma nova criatura ao ter me banhado nas águas filosóficas. Também agradeço imensamente a secretaria na pessoa da Sra. Rejane, pelos cuidados e orientações tão precisos nos momentos em que mais necessitei.

De maneira especial quero agradecer ao meu orientador, Édil Guedes, pelo empenho, dedicação e comprometimento com o qual vem exercendo o seu papel de educador. Por ter sido capaz de despertar-me para temas tão importantes e de suma relevância da Filosofia Política no pensamento de Amartya Sen, contribuindo de modo substancial na minha formação. Ainda que em tempo pandêmico, com aulas em regime virtual, pude contar com sua compreensão, ajuda e disponibilidade ao longo desse itinerário acadêmico.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo principal investigar a relação entre ética e economia no pensamento do filósofo e economista indiano Amartya Sen. No primeiro momento nos comprometemos em conceituar o que é ética na perspectiva vaziano-aristotélica, e o que é economia em linhas gerais. Em seguida analisamos esses dois campos do conhecimento na ótica do próprio autor. No segundo momento elencamos alguns fatores que fizeram com que a ética e economia se distanciassem, e o que isso de algum modo pôde provocar nos comportamentos dos indivíduos na sociedade e as perdas significativas para ambas as áreas. Por fim, destacamos a posição de Amartya Sen sobre a necessidade da reconciliação entre ética e economia e quais serão os verdadeiros ganhos para a sociedade num todo.

Palavras-chave – Ética; Economia; Sociedade; Política.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1.GÊNESE E DEFINIÇÃO DE ÉTICA E ECONOMIA.....	7
2.RELAÇÃO E DISTANCIAMENTO ENTRE ÉTICA E ECONOMIA	12
3.A RECONCILIAÇÃO ENTRE ÉTICA ECONOMIA.....	19
CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Desde a Grécia antiga diversos filósofos estavam preocupados com o modo de agir e interagir entre as pessoas, com o seu modo de sobreviver e administrar a casa (*oikonomía*) e a própria cidade-estados. Para eles a ordem social da *pólis* dependiam da relação entre ética e economia. Para Aristóteles, discípulo de Platão e fundador da Escola de Liceu, essas duas áreas do conhecimento têm que estar em plena sintonia e em união para que a comunidade política possa se desenvolver, avançar, e assim alcançar o bem comum.

Dentro da história do pensamento, aprendemos que Aristóteles foi quem sistematizou metodologicamente a ética – tornando assim, portanto, uma ciência, mas, também foi ele mesmo quem primeiro falou de economia. Nesse sentido, podemos dizer que a economia, era uma disciplina intrínseca à filosofia moral, ou seja, fazia parte da ética. Porém, com os avanços do comércio mercantilista e com o mercado capitalista a partir do advento da modernidade, a economia viu-se, todavia, necessariamente se desvincular da ética, justamente pelo fato dela ter adquirido sua própria autonomia e estatuto, vindo tornar-se uma ciência por volta do século XVIII, tendo como o precursor, Adam Smith, professor de Filosofia Moral na Universidade de Glasgow (Escócia).

O divórcio entre essas duas áreas do saber, ética e economia, causou diversos problemas às sociedades, porque antes a economia seguia os princípios éticos, e atualmente, com o fim do relacionamento, as decisões têm sido pautadas pelos ditames da razão instrumental que segue fielmente as regras da lógica, da matemática e dos cálculos, esquecendo, enfim, a dimensão ética que tanto influencia a ação e o comportamento real do *homoeconomicus*.

Realizado esses preâmbulos, queremos salientar que nesse estudo monográfico temos como objetivo principal elucidar no primeiro capítulo a gênese e a definição de ética e de economia, tanto em linhas gerais como na perspectiva de Amartya Sen. Toda a nossa tentativa de compreender a relação entre Ética e Economia perpassará sobre o modo de entender e estudar essas duas áreas tão importantes e fundamentais para o exercício da boa conduta em sociedade, à luz do pensamento de Amartya Sen, que ele busca abordar com muita clareza, lucidez e inteligência em sua obra intitulada *Sobre Ética e Economia*¹,

¹ A obra é resultado de uma série de conferências proferidas por ele na Universidade da Califórnia, em Berkley, em abril de 1986. O autor recebeu em 1998 o prêmio Nobel de economia, por seu excelente

nosso objeto de investigação. Também, desde já enfatizamos que para adentrarmos no pensamento do autor iremos nos debruçar em outras duas grandes obras do intelectual indiano, a saber: *Desenvolvimento como Liberdade e Ideia de Justiça*.

No segundo capítulo, trataremos da relação e o distanciamento entre ética e economia, o que ambas foram capazes de contribuir uma com a outra, garantindo assim, uma estabilidade na esfera social e política. Ainda aqui, faremos o esforço de esclarecer quais foram as verdadeiras causas do divórcio e os diversos problemas e atrofias que essa separação foi capaz de gerar.

Por fim, no terceiro e último capítulo, elucidaremos as propostas que Amartya Sen aponta para que tanto ética quanto economia se reconciliem. A reconciliação entre elas tem o potencial de fazer com que a sociedade possa se desenvolver socialmente e crescer economicamente, visando, enfim, a justiça e criando oportunidades sociais e liberdades substantivas, pressupostos vitais e de grande relevância para o progresso e desenvolvimento econômico e social. No ponto de vista do teórico, Amartya Sen, sem isso a democracia social está findada ao fracasso e a desordem, ao caos.

trabalho sobre a economia do bem-estar social, que não busca atender apenas a lógica do mercado financeiro capitalista, mas, sim, visa primeiramente a liberdade da pessoa humana, que é possível por meio de oportunidades sociais que deverão ser criadas pelos que detêm o poder político de tomar as decisões. A obra em estudo, *Sobre Ética e Economia* foi traduzida por Laura Teixeira Martins e publicada pela Companhia das Letras em 1999.

I. A GÊNESE E DEFINIÇÃO DE ÉTICA E ECONOMIA

A ética como bem sabemos tem um papel preponderante na sociedade por ter sido desenvolvida para orientar o agir das pessoas, dos grupos sociais e das instituições. O comportamento real de cada pessoa humana é sempre afetado por considerações éticas e orientar a conduta humana é um aspecto primordial da ética. Deve-se admitir que a concepção de uma economia que visa, enfim, o bem-estar do indivíduo humano gera alguma projeção sobre o comportamento real das pessoas e, em consequência, deve ser importante para a economia logística moderna².

A ética e a economia enquanto teorias interdependentes, unidas efetivamente têm o potencial de aprimorar e fortalecer a democracia, fomentar o exercício da liberdade de escolha, fazendo com que o sujeito se realize enquanto pessoa e, por fim, contribuir para que as sociedades se tornem cada vez mais justas, ou senão menos injustas.

A ética filosófica constitui-se estruturalmente a partir da fenomenologia do *ethos*, ou seja, por meio dos fenômenos que surgem na realidade concreta. Todavia, Aristóteles foi quem primeiramente buscou sistematizar a ética como um saber relativamente autônomo, ou seja, como uma ciência do *ethos*. Como tal, ela tem a tarefa de refletir racionalmente sobre os fatos, os costumes e os hábitos da comunidade, visando sempre a estabilidade social da *pólis* e a felicidade de cada indivíduo.

Etimologicamente a palavra ética tem raiz grega e significa *ethos*. Como ciência do *ethos*, como afirmamos acima, ela foi estruturada segundo um método e uma estrutura conceptual própria por Aristóteles, o Estagirita.

Lima Vaz, renomado filósofo brasileiro salienta que há duas maneiras de escrever a palavra *ethos*, a saber: a) *ethos* com *eta* inicial, quer dizer o habitat do homem, ou seja, a casa (*oikos*), embora o termo primeiramente designe “o abrigo do animal”³ em geral o lugar onde eles se domesticavam, viviam e b) *ethos* com *épsilon* inicial, que significa hábito. Portanto, uma disposição permanente interior, eis aqui a sua dimensão subjetiva, que é capaz de levar o sujeito humano a uma constância do agir e a viver cotidianamente em uma comunidade social a qual ele pertence, e por ela é chamado a se relacionar com os outros.

Porém, para conseguir um estado de vida que lhe garante uma certa convivência harmoniosa com as pessoas a sua volta, enfim, com aqueles que fazem parte do seu ciclo

² Veja se a propósito, SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.9.

³ LIMA VAZ, *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.12.

existencial, o ser humano precisa de estabilidade emocional e constância no agir, caso contrário, corre-se o risco dele se extraviar dos caminhos que são capazes de levá-los a felicidade ou ao bem, tão desejado e perseguido.

Na comunidade o sujeito humano se depara com uma realidade ou um contexto social ao qual ele é convidado a agir bem e a viver eticamente, trata-se de sua dimensão intersubjetiva. Contudo, a ética tem como pressuposto refletir sobre a realidade concreta. Toda pessoa humana dotada de razão-inteligência, de liberdade e de autonomia, sem dúvida, no cotidiano de sua existência, pergunta-se pelo que fazer e como deve agir para alcançar seus objetivos e metas, e assim, experimentar a *eudaimonia*⁴. Em suma, a ética visa fundamentar as normas e valores que de fato possam orientar a ação sobre o que os indivíduos devem fazer ou deixar de fazer na relação com os outros e com os recursos que são finitos e escassos.

Os gregos designavam ao *ethos-costume* com o termo *héxis* (hábito), que a pessoa humana poderá adquirir ao longo da vida para que a sua ação possa ser de modo regular e constante ao agir. A pessoa que age habitualmente bem, tem um domínio (controle) de si mesma e de seus próprios atos. Contudo, queremos ponderar que o *ethos*, seja no sentido do costume, seja no sentido do hábito, cria-se um lugar para que o indivíduo humano possa sim, autorrealizar-se. À medida em que as ações vão sendo repetidas, os hábitos se formam, tendo como tarefa primordial, orientar a ação do indivíduo a fim de que ele consiga alcançar os bens e os valores tão fundamentais, com os quais ele pode dar verdadeiramente sentido-direção à sua existência enquanto sujeito agente.

A repetição contínua dos bons hábitos faz com que o ser humano alcance a virtude, ou seja, a *areté*, tão valorizada na Grécia antiga, sobretudo, por Aristóteles que relatava ser ela sempre o meio termo entre dois excessos. Para os gregos, a virtude tem a capacidade de revelar a qualidade da ação de cada ser humano. A pessoa virtuosa realiza a sua atividade com o maior grau de excelência possível, independentemente do que necessita ser feito. Por fim, o *ethos-costume*, aperfeiçoado pelo hábito, é capaz de

⁴ *Eudaimonia* é um termo aristotélico que significa; vida feliz ou o bem viver (*Eu zen*). Para Aristóteles “o que pode possibilitar a felicidade para um não pode para o outro, porque para quem estar enfermo, a felicidade é a recuperação da saúde, para quem vive na pobreza, é a riqueza” (Vide Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, Livro I, p. 20). Para ele o alcance da *eudaimonia* estar muito ligado, ou seja, entrelaçado ao modo de viver e agir do homem que é por natureza um animal político. No sentido literal aristotélico, “são as ações e o exercícios das atividades que dizem respeito à alma humana que dizemos ser a felicidade” (Vide Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, Livro I, p. 29). Para ele “quem é feliz vive bem e age bem, porque se pode dizer que a felicidade é quase um viver bem e um agir bem” (Vide Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, Livro I, p. 20). E a ação boa visa sempre a excelência.

garantir-proporcionar ao ser humano a liberdade para assumir com responsabilidade as consequências de suas atitudes.

Como casa do homem o *ethos* não significa qualquer *oikos*, porém, um lugar em que o homem pode permanecer e habitar, onde ele possa se abrigar e sentir-se protegido. A casa não é dada ao homem, mas é por ele construída constantemente sempre num processo dinâmico, passível de transformações contínuas que emergem das necessidades que surgem de acordo com o tempo no sentido cronológico e psíquico.

Nesse empreendimento arquitetônico da ética há uma ruptura com o espaço da *physis*, porque o espaço humano do *ethos* ocupa o seu lugar, onde vão instalar-se os costumes, os hábitos (*héxis*), os princípios e os impedimentos, os valores que poderão ser legitimados ou não de acordo com a ação do ser humano enquanto sujeito político, ético e *economicus*.

Na perspectiva aristotélica o homem é um animal político (*zoon politikon*), pelo fato de não viver isolado, mas na comunidade política. É nela e na relação de solicitude com os outros que o homem, por sua vontade deliberada e capacidade de escolher segundo as razões, age de modo intencional ou instrumental. Os seus atos voluntários e involuntários são atravessados por sua consciência moral – que é constituída dentro de um sistema socioestrutural que envolve três aspectos, a saber: a) afetividade, b) inteligência e c) vontade.

Portanto, é dentro de um mundo ético-objetivo, organizado por leis, normas e regras que visam dá sentido e estruturar a vida humana, que o homem pode alcançar a *eudaimonia* por meio de seu agir ético ou moral. Aqui, podemos perceber que há uma circularidade dialética, uma estrutura dual: a) social e b) individual. Isso se dá porque a ética é um conjunto de relações sociais e individuais. Nessas relações muitas vezes o homem se depara com situações tão conflitantes e complexas que o deixa num “dilema moral”⁵, sobretudo, quando se trata de questões políticas e econômicas.

O *ethos* como costume tem uma realização histórico-social que é variável e evolutiva, sendo ele preservado e conservado pela tradição ao passo que enquanto hábito, pela *paideia*. A educação tem a tarefa de ensinar cada cidadão a repetir cotidianamente os hábitos que os conduzem a vida boa, a vida no bem (*eu zen*) e a uma sociabilidade: a) em família, b) em comunidade e c) em sociedade civil.

⁵ Cf. SANDEL, *Justiça – O que é fazer a coisa certa*, p.36.

A tradição e a educação constituem o *ethos*. E todo *ethos* tem uma dimensão teleológica e deontológica, essa última visa sempre à autonomia e à liberdade moral kantiana do indivíduo. Além dessas dimensões a ética como ciência do *ethos* na perspectiva de Lima Vaz se estrutura sempre num círculo hermenêutico: universal abstrato, particular e singular (universal concreto).

Tendo realizado uma breve definição de ética, a partir da perspectiva de Lima Vaz e Aristóteles, vamos agora nos debruçar na temática sobre a economia. Antes de mais nada, faremos uma explicação (espécie de prolegômenos) sobre a economia em linhas gerais no início com o auxílio de vários estudiosos, e em seguida, destacaremos o significado dessa ciência, quanto da ética a partir do ponto de vista de Amartya Sen em sua obra *Sobre Ética e Economia*, nosso objeto de estudo.

Do ponto de vista de Gasda, “a economia”⁶ “é um conjunto de atividades humanas dirigidas para a obtenção de bens e serviços mediante a produção e a troca, tal atividade se caracteriza por uma tensão entre as necessidades ilimitadas (infinitas) e os meios limitados (finitos)”⁷. Essa perspectiva tornou-se bastante convencional entre os economistas, porém, necessita de uma nova compreensão que possibilite o “agente econômico”⁸ visar a maximização do autointeresse.

Uma outra definição bastante em voga em nossos dias proposta por Lionel Robbins ainda no século XIX é a seguinte: “a economia é a ciência que estuda a conduta humana como uma relação entre fins e meios escassos que têm usos alternativos”⁹. A partir dessa definição se conhece a economia como ciência da escassez.

Também vale a pena acrescentar a definição de economia a partir da perspectiva de Paul Samuelson que vai na mesma linha de pensamento de Robbins ao dizer que: “a economia é o estudo da maneira com que as sociedades utilizam os recursos para produzir mercadorias valiosas e distribuí-las entre os diferentes indivíduos”¹⁰. E essa ciência que foi ganhando sua própria autonomia ao longo dos anos a partir do século XVIII, propõe paradigmas de comportamento entre os indivíduos que de certa forma afetam toda a dinâmica da vida individual e da sociedade num todo.

⁶ Economia: etimologicamente quer dizer a administração – a gestão da casa (*oikos* – casa, *nomós* – leis, normas, regras).

⁷ Gasda, *Economia e Bem Comum: O Cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*, p.29.

⁸ O agente econômico não tem limites quando se trata em sanar suas carências que são ilimitadas que a todo momento contracenam com os recursos que são finitos, portanto, limitados.

⁹ Gasda, *Economia e Bem Comum: O Cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*, p.29.

¹⁰ Idem, p.29

Enfim, a economia visa à formação da riqueza e ao seu incremento progressivo, em termos não apenas quantitativos, o que supõe elementos qualitativos, como eficácia e eficiência. A eficácia é a adequação dos meios aos fins, ao passo que a eficiência, por sua vez, tem como objetivo alcançar os fins utilizando a menor quantidade de recursos possíveis. Isso exige um comportamento racional que nada mais é atuar com eficiência e eficácia para atingir determinados resultados e metas desejados.

Uma sociedade só será capaz de alcançar um nível de bem-estar quando os indivíduos são capazes de atuar economicamente com eficácia e eficiência. O comportamento racional exige uma relação dialética, onde as empresas e instituições buscam todos os meios possíveis de maximizarem seus lucros e, em contrapartida, os consumidores buscam maximizar a utilidade dos bens e serviços adquiridos, há nesse sentido uma via de mão dupla.

De acordo com Gasda, Max Weber “propõe uma concepção moderna de racionalidade econômica ao afirmar que: a empresa é o *locus* da racionalidade econômica, pois já não é regida por laços afetivos – baseadas em normas tradicionais familiares, ela é enfim, regida por uma gestão pautada em eficiência e eficácia, ou seja, por um comportamento racional e não afetivo”¹¹.

Nesse primeiro momento buscamos definir ética e economia sobre vários pontos de vista acerca de teóricos dessas duas áreas do conhecimento. Como vimos as duas ciências são de suma relevância para o desenvolvimento econômico e social, pois ele depende da relação entre os indivíduos e dos bens materiais que satisfazem as necessidades tanto do indivíduo, quanto da coletividade. Passemos agora para o próximo capítulo, onde faremos o esforço racional e inteligível para compreender como se deu a relação e o distanciamento entre ética e economia nas perspectivas de Amartya Sen.

¹¹ Idem, p.31

II. A RELAÇÃO E O DISTANCIAMENTO ENTRE ÉTICA E ECONOMIA

Para Sen, a economia teve duas origens bem distintas, porém, ambas relacionadas à política, embora de modos diversos, respectivamente concernentes à “ética”, de um lado, e ao que poderíamos denominar “engenharia”, outro. Sen segue afirmando também que a tradição ligada à ética remonta no mínimo a Aristóteles. Já no início de *Ética a Nicômaco*, o Estagirita associa o tema da economia aos fins humanos, referindo-se à sua preocupação com a riqueza, ou seja, com os bens materiais tão fundamentais para a existência e sobrevivência do ser humano.

Segundo Sen, o discípulo de Platão considera a política “a arte mestra”. Para Aristóteles a política tem de usar “as demais ciências”, sobretudo a economia, e como, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer enquanto sujeitos éticos, políticos e econômicos, faz se necessário que essa ciência seja capaz de incluir as das outras, para que essa finalidade seja o bem comum para o homem.

O teórico pondera que o estudo da economia, embora relacionado imediatamente à busca da riqueza, em um nível mais profundo tem um elo com outros estudos, abrangendo a avaliação e intensificação de objetivos mais básicos¹². Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, menciona que “a vida empenhada no ganho é uma vida imposta, e evidentemente a riqueza não é o que buscamos, sendo ela apenas útil e no interesse de outra coisa.”¹³ Nesse sentido, para Sen, a economia, em última análise relaciona-se ao estudo da ética (visa ao bem individual e comunitário) e da política (cria meios, possibilidades, oportunidades), e esse ponto de vista é elaborado na *Política* de Aristóteles, afirma o filósofo e economista.

Sendo assim, na visão de Amartya Sen, podemos dizer que não deve haver dissociação do estudo da economia do estudo da ética e da filosofia política, basta que observemos que nessa abordagem há duas questões relevantes para a economia. A primeira, está ligada a motivação humana que em seu âmago faz ou pelo menos é convidado a fazer a seguinte pergunta socrática: “Como devemos viver?”.

De acordo com Sen, ressaltar essa ligação não equivale a afirmar que as pessoas sempre agirão de maneira que elas próprias defendem moralmente, mas, sim, a reconhecer

¹² Este ponto é bastante relevante, pois Amartya Sen mostra que os fins econômicos estão vinculados a fins mais fundamentais da vida humana e da vida material.

¹³ Aristóteles apud SEN, p.19.

que as deliberações éticas não podem ser irrelevantes para o comportamento humano real, uma vez que toda a motivação humana está relacionada ao caráter ético do sujeito.

Se a primeira questão se refere a ética, a segunda diz respeito (faz alusão) à avaliação social, ou seja, a questão política. Para Aristóteles a política tem como finalidade criar condições e possibilidades para que o homem alcance o bem, que seja capaz de lhe proporcionar uma vida boa e satisfatória tanto para si quanto para todos os indivíduos imersos na *pólis* (cidade). Nesse sentido, Sen adverte que Aristóteles apontou algumas características especialmente agregativas no exercício: “Ainda que valha a pena atingir esse fim para um homem apenas, é mais admirável e mais divino atingi-lo para uma nação ou para cidades-estados” (Aristóteles apud SEN, p.20).

Na visão de Sen, “a concepção da realização social relacionada à ética não pode deter a avaliação em algum ponto arbitrário como satisfazer a eficiência, ela tem de ser mais inteiramente ética e adotar, portanto, uma visão mais ampla do bem”¹⁴. Ter uma visão mais abrangente do bem é um fator muito importante no contexto da economia moderna, especialmente a moderna economia do bem-estar, que compreende que a ética apresenta uma rica gama de contribuições para o seu desenvolvimento, especialmente no sentido de entender o comportamento real e racional do sujeito humano.

Na valorização da moderna economia do bem-estar, Sen critica o afastamento das questões éticas que a economia do bem-estar tradicional (pautada no utilitarismo) procurou em certa medida manter; a adoção do autointeresse como única forma de motivar as atitudes humanas e a impossibilidade de comparações interpessoais. Tais comparações que de algum modo foram consideradas pela teoria tradicional do bem-estar como questões normativas ou éticas, que não diziam respeito ao estudo da economia, então vistas como questões sem verdadeiro sentido no que tange a questão econômica.

Percebemos até aqui que no primeiro momento, Sen trata da primeira origem da economia relacionada à ética e a ética política, no segundo o filósofo se encarrega de discorrer quanto a segunda, a saber: a abordagem da “engenharia”. Para Sen, tal “abordagem caracteriza-se por ocupar-se de questões primordialmente logísticas em vez de fins supremos e de questões como o que pode promover o bem para o homem ou o como devemos viver”¹⁵.

¹⁴ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.20.

¹⁵ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.20.

Para o teórico essa abordagem “engenheira” da economia embora tenha surgido de várias direções, ela foi desenvolvida por alguns engenheiros de fato, como Leon Walras¹⁶. Sen enfatiza que muitos foram os pioneiros que auxiliaram essa tradição da economia. “[...] as contribuições seiscentistas de Sir William Petty, justamente considerado o pioneiro da economia numérica, tiveram claramente um enfoque logístico, não desvinculado de seu interesse pessoal pelas ciências naturais e mecânicas”¹⁷.

Para Sen, a abordagem engenharia também se relaciona aos estudos econômicos que se desenvolveram a partir das análises técnicas da estatística. Ele traz para o debate um livro de origem oriental intitulado de “*Arthasastra* de Kautilya salientando que remotamente parece com o termo Economia (que em tradução livre do sânscrito poderia ser: instruções para prosperidade material), destaca-se a abordagem logística da estatística, inclusive a política econômica”¹⁸.

O tratado inicia-se com a distinção no primeiro capítulo, entre “quatro campos de conhecimento”, incluindo (1) metafísica e (2) conhecimento do “certo e do errado”, mas depois se detendo na discussão de tipos mais práticos de conhecimento, concernentes a (3) “ciência do governo” e (4) “ciência da riqueza”.

Discutindo uma grande variedade de problemas práticos como:

da construção de aldeias; classificação de terras; coleta de receita; manutenção de contas, regulamentação de tarifas etc. a manobras diplomáticas, estratégias para Estados vulneráveis, pacto de colonização, influência sobre facções de um Estado inimigo, emprego de espiões, controle de desfalques de funcionários etc., o enfoque soberano do livro são os problemas de “engenharia” (SEN, 1999, p.21).

O teórico segue afirmando que “as motivações dos seres humanos são em grande medida especificadas em termos bem simples, e nelas deparamos, *inter alia* com a mesma ausência de bonomia característica da economia moderna¹⁹”. Porém, para ele:

na análise do comportamento humano não figuram significativamente considerações éticas de sentido profundo. Por que nessa análise nem a questão socrática nem as aristotélicas aparecem nesse outro documento da Antiguidade criado por um contemporâneo (oriental – Katilya) de Aristóteles (SEN, 1999, p.22).

¹⁶ Economista francês do século XIX que muito contribuiu para resolver numerosos problemas técnicos nas relações econômicas, especialmente aqueles ligados ao funcionamento dos mercados (SEN, 1999, p.20).

¹⁷ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.21.

¹⁸ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.21.

¹⁹ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.22.

Ele acredita que dada a natureza da economia tanto a economia relacionada à ética quanto a baseada na engenharia – ambas têm o seu poder de persuasão de maneira distinta, e cada uma tem o seu valor por oferecer algo a economia. Eis o que Sen elenca:

Eu gostaria de afirmar que as questões profundas suscitadas pela concepção de motivação e realização social relacionada à ética precisam encontrar um lugar de importância na economia moderna, mas ao mesmo tempo é impossível negar a abordagem da engenharia também tem muito a oferecer à economia (SEN, 1999, p.22).

Sen relata que não podemos negar que as questões éticas são obviamente levadas mais a sério por uns do que por outros. A ética domina mais os escritos de Adam Smith²⁰, John Stuart Mill (apesar do que disse Bentley), Karl Marx ou Francis Edgeworth, do que as contribuições de, digamos, William Petty, François Quesnay, David Ricardo, Augustine Cournot ou Leon Walras, que se preocuparam mais com os problemas de logística e engenharia na economia.

O filósofo-economista e professor da Universidade Harvard nos alerta ao proferir que “nenhum dos gêneros é puro em sentido algum; é uma questão de equilíbrio das duas abordagens da economia”²¹. [...] muitos expoentes da abordagem ética, de Aristóteles a Adam Smith, também se ocuparam intensamente das questões de engenharia, dentro do enfoque direcional do raciocínio ético, enfatiza Sen.

Com a evolução da economia moderna pode-se dizer que a importância da abordagem ética diminuiu substancialmente, pois:

a metodologia da chamada “economia positiva”²² não apenas se esquivou da análise “economia normativa”²³ como também teve o efeito de lado uma variedade de considerações éticas complexas que afetam o comportamento humano real e que, do ponto de vista dos economistas que estudam esse

²⁰ Considerado o pai da economia, foi professor de filosofia moral na Universidade de Glasgow na Escócia. Ele acreditava que a economia enquanto atividade econômica era capaz de gerar maior liberdade e, por conseguinte, maior felicidade, uma vez alicerçada pela dimensão ética, tão bem enfatizada em sua célebre obra intitulada de *The Theory Of Moral Sentiments – 1759*, cuja palavra-chave era o sentimento de simpatia. Para o grande sistematizador da economia, Adam Smith defendia que um sistema econômico necessita sempre de um respaldo ético, e, juntamente com o amor-próprio relacionado ao autointeresse como engrenagem para o intercâmbio (troca de mercadorias e produtos), juntamente com o afã de lucro, para além disso, existem, portanto, outros sentimentos e valores indispensáveis para uma melhor compreensão da atividade econômica em seu conjunto.

²¹ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.22.

²² Economia positiva é a parte da ciência econômica que se preocupa com as afirmativas capazes de serem verificadas pelos fatos.

²³ A teoria economia normativa se preocupa precisamente com juízos de valores; qual resultado efetivamente é bom e qual resultado é ruim. Ela visa orientar ação humana e compreender o processo de sociabilidade.

comportamento, são primordialmente fatos e juízos normativos.²⁴ (SEN, 1999, p.23).

Sen nos chama a atenção ao dizer que ao examinarmos as proporções das ênfases nas publicações da economia moderna, é difícil não notarmos a aversão às análises normativas profundas e o descaso pela influência das considerações éticas sobre a caracterização do comportamento real humano.

Na perspectiva do autor, a natureza da economia moderna foi substancialmente empobrecida pelo distanciamento crescente entre economia e ética. Para bem compreender essa separação ele busca analisar a natureza dessa perda. Mas antes de entrar em pormenores na tentativa de evitar equívocos, ele busca fazer duas observações a título de esclarecimento:

primeiro, não afirmo que a abordagem “engenharia” da economia não foi proveitosa. A meu ver foi, muitos são os aspectos aos quais a economia conseguiu proporcionar melhor compreensão e esclarecimento precisamente graças ao amplo emprego da abordagem engenharia.

Embora “a abordagem da engenharia não ter dado atenção às considerações éticas existem importantes questões logísticas na economia que de fato requerem atenção e que podem ser tratadas com eficácia, até certo ponto, mesmo dentro do formato limitado de uma visão ética estreitamente deduzida da motivação e do comportamento humano”²⁵.

Para melhor esclarecer tal premissa, o professor indiano afirma que: “o desenvolvimento formal “teoria do equilíbrio geral”, que trata da produção e troca nas relações de mercado, trouxe à luz, nitidamente, interrelações importantes que demandam análise altamente técnica”²⁶. Ele aborda o seguinte:

embora, essas teorias frequentemente sejam abstratas, não só no sentido de caracterizarem as instituições sociais de maneira bastante simples, mas também de conceber os seres humanos em termos muito restritos, elas indubitavelmente facilitaram o entendimento da natureza da interdependência social (SEN, 1999, p.24).

Na perspectiva de Sen “essa interdependência constitui um dos aspectos mais complexos da economia em geral, e as concepções derivadas dessas análises teóricas revelaram-se úteis mesmo em problemas práticos prosaicos”²⁷.

²⁴ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.23-24.

²⁵ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.24.

²⁶ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.24.

²⁷ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.24.

Na ótica de Sen, para ilustrar, essa observação aplica-se perfeitamente à análise causal dos tragicamente reais problemas da fome individual e coletiva no mundo moderno. Quanto aos reais problemas ele profere que:

o fato de a fome coletiva ser causada mesmo em situações de grande e crescente disponibilidade de alimentos pode ser mais bem compreendido trazendo-se para a análise os padrões de interdependência que a teoria do equilíbrio geral ressaltou e enfocou. Em particular, revela-se que as fomes coletivas frequentemente têm pouquíssima relação com a oferta de alimentos, apresentando em vez disso, antecedentes causais em outros pontos da economia, relacionados por meio da interdependência econômica geral.²⁸

Além dos modelos teóricos que por sua vez, são muito abstratos, com todas as suas limitações têm uma importância prática considerável, Sen acredita que “mesmo a caracterização singularmente estreita da motivação humana, abstendo-se de considerações éticas, pode, ainda assim, ser útil para a compreensão da natureza de muitas relações sociais de importância na economia”²⁹.

Ele deixa bem claro que não está afirmando que a abordagem não ética tem de ser improdutiva, mas, sim, mostrar que a economia, como ela emergiu, pode ser capaz de produzir mais se der uma atenção maior e mais explícita às considerações éticas que moldam o comportamento e o juízo humano.

Sem pontua que a segunda observação esclarecedora diz respeito à natureza humana bilateral da perda resultante do distanciamento crescente entre economia e ética. Esse distanciamento fez com que a economia perdesse pelo fato de não levar em considerações as concepções relacionadas à ética da motivação e da realização social.

A partir dos estudos acerca do pensamento de Amartya Sen, compreendemos que o afastamento gradativo entre economia e ética, que historicamente se deu a partir do século XVIII, uma vez que o saber acerca da economia fazia parte dos estudos teológicos, de filosofia política e ética, acabou influenciando o modo de agir e de se relacionar do sujeito humano nas concepções de bem-estar, nas pautas e prioridades políticas e, na maneira de utilizar os diversos recursos disponíveis, alterando assim, portanto, o comportamento real das pessoas e o modo de atuar das instituições.

O distanciamento dessa relação entre economia e ética, fez com que as questões econômicas passassem a ser alicerçadas prioritariamente, no pragmatismo e na eficiência, no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), na acumulação de bens e riquezas, no

²⁸ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.24.

²⁹ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.25.

aprimoramento de estratégias e de técnicas de competitividade, no acúmulo de produtos e no aumento das exportações a fim de expandir as divisas³⁰.

O problema maior é que ao afastar-se da ética, os aspectos da moral e “justiça”³¹ que são primordiais para a “ordem social”³² e o “desenvolvimento”³³ social e econômico de uma nação que por sinal exige sempre análises minuciosas altamente complexas, foram meramente relegados em grau mínimo de importância, quando não levados em consideração sua totalidade. Na concepção de Amartya Sen, o comportamento de maximização do autointeresse, mesmo que na tentativa de relacioná-lo num contexto ético, normalmente apresenta sem dúvida:

uma dicotomia entre egoísmo e altruísmo, entre o indivíduo e o todo, distanciando o comportamento individual do comportamento social, ou seja, indivíduos de um mesmo grupo podem ter interesses que são em parte convergentes e em parte conflitantes.³⁴

O distanciamento decorrente da ação econômica dissociada da ética acabou gerando várias consequências que se multiplicam cada vez mais, a saber: a) grandes desigualdades sociais; b) pobreza; c) fome coletiva; d) competitividade exacerbada; e) falta de oportunidades sociais etc. Tais consequências são objetos de estudo da economia e que não poderão ser tratadas com alegria natural, pelo fato de não ajudar na compreensão das causas e efeitos que poderão ser devastadores.

Mas, diante desse cenário onde a economia moderna que se divorciou da ética, reduzindo, enfim, o bem-estar a utilidades, deixando de incluir elementos tão relevantes para a vida humana, como satisfações, direitos, liberdades, oportunidades concretas etc., o que propõe o pensador indiano as duas ciências, para que ambas possam se

³⁰ ZAMBAM, Neuro José; KAMPHORST, Marlon André. Ética e Economia: Reflexões a partir de Amartya Sen, *Clareira Revista de Filosofia da Região Amazônica*, www.revistaclareira.com.br, Volume 1, Número 2, p.90-109, Ago-Dez, 2014. Disponível em <https://revistaclareira.com.br/edicoes-anteriores/v-1-n-2-2014/v-1-n-2-2014/kamphorst>. Acesso em 18/04/21.

³¹ Para Aristóteles a justiça é a base da sociedade, *Apud, A Política*, cap. I, §11, p.15.

³² De acordo com Eduardo Giannetti em uma de suas obras intitulada de *Vícios privados, benefícios públicos? A ética na riqueza das nações* na p.97, ele pontua que: a ordem social é produto da interação dos indivíduos que a constituem. O caráter e a estabilidade da ordem dependem da interação. A ordem social, portanto, pressupõe a existência de algum tipo de ordenamento moral cujo papel central é conter e domesticar o conflito natural entre os homens. Ressaltemos que na perspectiva smithiana a integração social acontece justamente pelo fato de as pessoas terem um sentimento de simpatia umas pelas outras.

³³ O desenvolvimento exige que sejam eliminadas as principais fontes de liberdade: a pobreza, a tirania, a escassez de oportunidades econômicas e as privações sociais sistemáticas, o abandono em que podem ser encontrados os serviços públicos e a intolerância ou o excesso de intervenção de Estados repressivos. Trata-se, então, de um processo de expansão das liberdades reais desfrutadas pelas pessoas (*Apud SEN, Desenvolvimento Como Liberdade*, p.16).

³⁴ SEN, *Sobre ética e economia*, p.35-36

reconciliarem e se dialogarem novamente? É o que veremos a partir de agora nesse último capítulo desse nosso itinerário filosófico investigativo.

III. A RECONCILIAÇÃO ENTRE ÉTICA E ECONOMIA

As sociedades necessitam sempre orientar suas decisões e atitudes políticas e econômicas por meio de uma moral segundo princípios éticos que sejam capazes de respeitar todos os sujeitos humanos, de valorizar as suas singularidades, e, por fim, ampliar as suas capacidades e as possibilidades de liberdade de cada um (a).

Pois a liberdade e o desenvolvimento das capacidades numa relação dialética têm como meta primeira a integração do sujeito humano e a sua autorrealização. Quanto ao desenvolvimento que acarreta as questões econômicas e éticas Sen destaca que:

os fins e os meios do desenvolvimento requerem análise e exame minuciosos para uma compreensão mais plena do processo de desenvolvimento; é sem dúvida inadequado adotar como nosso objetivo básico apenas a maximização da renda ou da riqueza, que é, como observou Aristóteles, “meramente útil e em proveito de alguma coisa”. O crescimento econômico não pode sensatamente ser considerado um fim em si mesmo. O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo³⁵.

Na perspectiva seniana, embora o divórcio afetasse a economia, por outro lado, prejudica a ética também, porque “existe algo nos métodos tradicionalmente empregados na economia, relacionados, *inter alia*, que podem ser úteis para a ética moderna.

Não podemos deixar de elencar mais uma vez que, a questão concernente ao papel da economia foi levantada por Aristóteles na tentativa de proporcionar uma visão mais holística da ética e da política (*Ética a Nicômaco, livro I*). Portanto, Sen profere que as questões econômicas podem ser de extrema importância para as questões éticas, inclusive a indagação socrática “como devemos viver?”

Embora haver várias questões éticas envolvidas na economia, hoje compreendida como uma ciência humana, por ter ganhado a sua autonomia e o seu próprio estatuto,

³⁵ SEN, *Desenvolvimento como Liberdade*, p. 28-29.

justamente pelo fato de tratar dos comportamentos racionais e reais do sujeito, existe nela também o “aspecto metodológico de que dos alguns dos *insights* empregados na economia ao lidar com problemas de interdependência podem ter uma importância substancial quando tratamos de problemas éticos, mesmo não havendo variáveis econômicas envolvidas”³⁶.

Sen aborda que “vários filósofos morais ressaltaram a importância intrínseca de muitas considerações que a escola ética dominante do pensamento utilitarista julga terem apenas um valor instrumental”³⁷. Para ele, “mesmo que essa importância intrínseca sendo aceita, a necessidade da análise instrumental e consequencial não se reduz de fato, pois variáveis intrinsecamente importantes também podem ter papéis instrumentais outras coisas intrinsecamente também têm seus valores”³⁸.

Para ele a ética sem sombra de dúvida poderá ganhar e crescer bastante com raciocínios comumente usados em economia, porque “foi na investigação de complexas interdependências que o raciocínio econômico, influenciado pela abordagem engenheira, logrou avanços significativos”³⁹.

A aproximação entre ética e economia, proposta pelo teórico, caracteriza o sujeito humano na condição de agente que, dotado de uma concepção ética, tem plenas condições de minimizar o seu autointeresse ao invés de maximizá-lo.

Nesse percurso de investigação e construção de uma moral por meio de uma ação ética e de bastante relevância na edificação da sociedade que é econômica, moral e ética, Sen emerge por sua teoria de prover o ser humano de condições dignas e necessárias para a demonstração de suas “capacidades”⁴⁰ e liberdades substantivas para poder levar o tipo de vida que julga ter razão para valorizar.

Entretanto, a convergência desses dois fenômenos do agir humano, uma vez levados em consideração, demonstra minimamente a possibilidade da sociedade se desenvolver na dimensão social e crescer economicamente na perspectiva de uma justiça social. Pois o crescimento econômico, o desenvolvimento social e a justiça social são bússolas que nortearão a sociedade para um futuro realmente promissor, que tende a

³⁶ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.26.

³⁷ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.26.

³⁸ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.26.

³⁹ SEN, *Sobre Ética e Economia*, p.26.

⁴⁰ De acordo com Amartya Sen, “as capacidades têm um papel na ética e na filosofia política que vai muito além de seu lugar como rival de felicidade e do bem-estar como guias para a vantagem humana” (*Apud A Ideia de Justiça*, p.305).

manutenção da estreita observância da ordem social, que é possível tornar-se realidade por meio de políticas públicas e econômicas pautadas numa dimensão ética.

Contrário a tudo isso, dificilmente a sociedade será capaz de ter avanços significativos do ponto de vista econômico e social sem levar seriamente os aspectos da dimensão ética que envolve o comportamento do indivíduo e da sociedade num todo.

Ressaltamos mais uma vez que na perspectiva de Sen, o divórcio entre a economia e a ética, o que influenciou a preocupação humana e social com o bem-estar e, conseqüentemente alterando, portanto, o comportamento das sociedades, necessita urgentemente de uma verdadeira reconciliação. Uma reconciliação que seja capaz de refletir objetivamente as relações entre as políticas públicas contemporâneas e a conduta moral e ética que possibilite o exercício da liberdade das capacidades humanas.

Com isso queremos dizer que do mesmo modo que a ética enquanto ciência se pauta na ação e no comportamento do indivíduo humano que indaga a si mesmo, como devo agir e viver? Em contrapartida, a economia compreendida como uma ciência humana que tem por finalidade a produção de bens materiais para satisfazer as necessidades básicas do ser humano, altamente movida pelos mecanismos da razão instrumental, da logística, da engenharia, ela é conclamada a se reconciliar com a ética para que ao agir estrategicamente ela seja capaz de indagar as seguintes questões: a) o que produzir; b) como produzir; c) para quê e para quem produzir; d) como será realizado as trocas das mercadorias valiosas etc.

Porque na visão de Sen, a ética por seu valor histórico e diante de suas várias facetas, tem como principal tarefa direcionar a ação humana para o bem, que em última instância dependerá da realização dos interesses racionais de cada indivíduo. A ação humana deve ser sempre orientada pela ética, sobretudo, nessa sociedade contemporânea altamente marcada pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia que deram primazia a “razão instrumental”⁴¹ em detrimento a “razão substantiva”⁴². Todavia, a ação humana, quando é verdadeiramente alicerçada na ética e por ela direcionada, vem sempre sustentada por aspectos fundamentais da vida humana; como o dever e a virtude (*areté*).

⁴¹ Razão instrumental com o desenvolvimento da ciência moderna e da tecnologia, que por sinal teve seus progressos a partir da Revolução Industrial, não se preocupou com a dimensão ético-moral, mas, sim, em criar meios altamente eficazes para alcançar determinados fins, com base nos cálculos matemáticos e na lógica.

⁴² Razão substantiva: as atitudes dos indivíduos são sempre orientadas pela sua dimensão subjetiva em vista de sua autorrealização, e por uma outra dimensão que foge dos seus interesses individuais porque se refere a dimensão social, onde as suas ações deverão ser orientadas pelo grupo social ao qual eles pertencem.

IV. CONCLUSÃO

Ao longo desse projeto monográfico tentamos compreender a relação entre ética e economia a partir da visão de Amartya Sen. Por se tratar de muitas temáticas distantes da nossa capacidade de alcançar uma compreensão em sua totalidade, mas, todavia, de nosso grande interesse em aprofundarmos mesmo que em outros momentos oportunos, salientamos que não tivemos aqui nenhuma intencionalidade em desdobrar os diversos assuntos que o autor aborda em sua (s) obra (s).

Nesse itinerário o nosso objetivo foi justamente adentrar em alguns pontos tão relevantes e que tocam a nossa vida cotidiana, portanto, as nossas relações, sejam com as pessoas (vida interpessoal) ou com as coisas materiais (vida material) que tanto necessitamos para a nossa sobrevivência enquanto homens sociáveis e econômicos. Enfim, o nosso foco foi de fato tentar entender alguns termos e conceitos que Amartya Sen vem trabalhando enquanto filósofo e economista na área da filosofia política que ficaram mais claros ao tratarmos da relação entre ética e economia a partir do segundo capítulo.

No início do primeiro capítulo aprendemos que a ética fora desenvolvida na Grécia antiga no século IV a. C por Aristóteles. Como ciência do *ethos* ela tem como objetivo orientar a ação do indivíduo enquanto sujeito racional e animal político (*zoon politikón*) a uma boa conduta tanto no âmbito do *oikos* quanto no âmbito da *pólis*.

Vimos que o *ethos* é o lugar onde são instalados os hábitos e os costumes tão fundamentais para a boa convivência e para a boa sociabilidade, claro uma vez respeitados e seguidos por todos os pertencentes da comunidade política.

Ao avançarmos nos estudos conseguimos observar que é no meio da sociedade que o sujeito humano se depara com os hábitos e costumes que de algum modo o educa enquanto pessoa. Mas também é no seio dela que o sujeito se ver confrontado ao se deparar com os diversos problemas que o colocam num dilema moral.

Mas ao ser confrontado pela sociedade e ao mesmo tempo ser formado por ela é que o sujeito tem a oportunidade de praticar com assiduidade e disciplina os bons hábitos

que de algum modo foi capaz de captar e, assim, poder superar de maneira ética e moral os desafios colocados pela própria comunidade, chegando a tornar-se um homem virtuoso com possibilidade de alcançar a felicidade, a *eudaimonia*.

Na comunidade o sujeito humano se depara com uma realidade ou um contexto social ao qual ele é convidado a agir bem e a viver eticamente, trata-se de sua dimensão intersubjetiva. É na comunidade, hoje compreendida como sociedade é que os homens dotados de inteligência e vontade, e, portanto, seres capazes de viver a sua dimensão sociável uns com os outros, poderão trabalhar em conjunto para adquirirem os meios e recursos, que são finitos e escassos, porém, de grande importância para a manutenção da vida humana.

Bem sabemos que os grandes problemas das sociedades muitas vezes são causados quando as pessoas nelas inseridas não respeitam as normas e as regras vigentes. E aqui, ao nosso ver entra a importância do exercício fundamental da *paideia*, ou seja, da educação, que por sua vez, deverão ser oferecidos a todos pelos seus governantes. Eles têm a tarefa de possibilitar a cada um (a) os meios e os aparatos sociais para evitar as patologias sociais, e assim, promover tanto o desenvolvimento social, o crescimento econômico e a integração social.

Acerca do pensamento vaziano tomamos conhecimento de que, etimologicamente a palavra ética tem raiz grega e significa *ethos* e que poderá ser compreendida de duas maneiras, a saber: a) *ethos* com *eta* inicial, quer dizer o habitat do homem, ou seja, a casa (*oikos*), o lugar dos animais, em suma, o lugar onde eles se domesticam, ao passo que b) *ethos* com *épsilon* inicial, quer significar hábito-costume.

É por meio da repetição contínua e processual do hábito e costume que se torna possível uma constância no agir e a vivência cotidiana na comunidade social a qual ele pertence, e por ela é chamado a se relacionar bem uns com os outros. Por fim, o *ethos-costume*, aperfeiçoado pelo hábito, é capaz de garantir-proporcionar ao ser humano a liberdade para assumir com responsabilidade as consequências de seus próprios atos.

É dentro de um *ethos* bem formado e respeitado por todos os sujeitos que nela habitam é que cada indivíduo pode sentir-se protegido e bem habitado. Por isso, faz se necessariamente que essa casa seja construída de maneira democrática para que os envolvidos se comprometam a seguir as normas e os preceitos que nela existem com a finalidade de evitar o caos.

Além de definir o que é ética logo no início desse percurso investigativo, também trabalhamos para alcançar um entendimento, mesmo que limitado, do que significa

economia através do ponto de vista de alguns teóricos. Por meio deles descobrimos que a economia adquiriu o seu próprio estatuto e autonomia a partir do século XVIII, tendo como o precursor, Adam Smith. Durante o trajeto nos deparamos com cinco chaves de leituras possíveis dentre tantas outras, são elas:

- a) enquanto ciência a economia se preocupa com o exercício da obtenção de meios materiais tão necessários para a manutenção da vida humana. Pois sem eles a vida humana se torna impossível, uma vez que o homem no seu cotidiano precisa de alimentos, de vestuários, de casas etc. para bem viver e construir um lugar que o possibilite o bem-estar.
- b) a economia é a ciência que visa estudar o comportamento real do ser humano e o seu modo de se relacionar com os diversos meios e recursos disponíveis, que são finitos e escassos.
- c) a economia tem como objetivo estudar o modo como a sociedade se dispõe e utiliza dos recursos e meios disponíveis para produzir produtos e mercadorias de valores e como distribuí-los – rateá-los entre os mais diferentes grupos sociais.
- d) Visa a formação de riqueza tanto em termos quantitativos e qualitativos, por visar a eficácia e a eficiência, para que a produção material seja com o menor custo possível e o produto seja de alta qualidade.
- e) Trata-se também da divisão de trabalho, tema tão preponderante na obra de Adam Smith intitulada *A Riqueza das Nações*.

Tendo compreendido de maneira parcial do que se trata efetivamente a ética e a economia no primeiro momento, que sem dúvida muito nos ajudam a tomar consciência da importância de cada uma delas para a nossa vida cotidiana por tratar-se de questões que envolve a nossa relação com as pessoas, mas também a nossa relação com os bens materiais, passemos agora a nos determos ao que abordamos no segundo capítulo.

Ao tratar da temática sobre a relação e o distanciamento entre ética e economia, Sen defende a tese de que a ética remonta no mínimo a Aristóteles e que ela teve duas origens, uma ligada a política e a outra a engenharia. Essa ciência fundada pelo Estagirita está intimamente ligada a questão política, ao passo que a economia está associada a busca pela riqueza – bens materiais, que por sua vez, não é procurada para atender as suas próprias expectativas, ou seja, a si mesma, mas, sim, em vista de outras coisas que sejam capazes de satisfazer as necessidades do sujeito humano.

Como tema de discussão ética e política como outras ciências ou saberes, a economia tem papel fundamental na vida dos seres humanos simplesmente por sua capacidade de proporcionar um “tesouro de cousas úteis e mesmo necessárias à vida, em toda sociedade civil ou doméstica” (ARISTÓTELES, 1957, p.25).

Por isso, torna-se importante haver uma linha de convergência, ou melhor, uma reconciliação entre esses dois campos do conhecimento. Porque uma está atenta aos modos de como vivemos, agimos e produzimos os bens materiais etc., e a outra está preocupada com os meios de produção de mercadorias e a relação de trocas (intercâmbio - distribuição) etc. para o abastecimento material do *oikos* ou da *pólis*.

Sen como um neoaristotélico buscou argumentar que a economia, em última análise relaciona-se ao estudo da ética, que tem por finalidade promover o bem individual e comunitário, e a política em criar meios, possibilidades e oportunidades para que o bem tanto na esfera individual, quanto na esfera coletiva possa ser de fato alcançado.

Por isso, ele enfatiza que não deve haver uma dissociação entre ética e economia, porque uma visa a satisfação – a realização do ser humano, ou seja, faz a seguinte pergunta socrática do como devemos viver e agir, ao passo que a outra tem a tarefa de criar todos os meios possíveis e tão fundamentais ao ser humano. Para Sen a questão ética está intimamente associada a motivação humana que por sua vez está ligada ao caráter ético de cada indivíduo.

A concepção da realização social do indivíduo humano embora está ligado a ética, mas ela não deve ficar apenas alicerçada nesse âmbito, ela tem de ser capaz de transcender a visão de bem. O bem é algo que deverá ser perseguido sim, pois ele tem em si mesmo fatores que poderão proporcionar a ordem e a integração social, sendo ele, o bem, um fator fundamental na concepção da economia moderna. Sobretudo, a moderna economia do bem-estar, que compreende que a ética apresenta uma rica gama de contribuições para o seu desenvolvimento, especialmente no sentido de entender o comportamento real e racional do sujeito humano.

Nesse segundo capítulo ficou claro de que Sen valoriza imensamente a economia moderna – que por sinal nasceu no seio da filosofia moral, por outro ele tece críticas ao dizer que ela se distanciou das questões éticas se pautando apenas nas questões utilitaristas que se detêm de vários instrumentos racionais e matemáticos-lógicos para atingir a maximização do autointeresse.

Essa adoção é que ele critica, pois para Sen ao tomar mão do que dizia Adam Smith em *Teoria dos Sentimentos Morais*, o ser humano não age apenas por amor-próprio

(*self-love*), por mais que ele age dessa forma, de qualquer modo ele se interessa pelas causas dos outros, demonstra simpatia pelos outros. Não se move apenas pela maximização do autointeresse.

Mais uma vez destacamos que para o renomado professor de Havard a economia originou-se da ética e da política, mas também da engenharia que por sua vez fora desenvolvido por alguns engenheiros com enfoque logísticos e numéricos – interessando-se, todavia, pelas análises técnicas orientando-se nas ciências naturais e mecânicas.

Ao ter analisado as duas abordagens (ética-engenharia) Sen pontua que não existe nenhuma abordagem em seu sentido pleno-puro, mas que ambas têm seu respectivo valor, pelo fato de terem muito a oferecer a economia. Por isso, ele acredita que seja fundamental que a ética ao realizar as suas questões mais profundas necessita urgentemente encontrar um *locus* dentro da nova economia moderna.

Durante a explanação de seus argumentos percebemos que ele enfatiza que não existe nenhuma abordagem pura em sentido algum, por isso sustenta que há uma necessidade de um equilíbrio entre as duas abordagens. Até mesmo porque, tanto Aristóteles – quanto Smith, ambos também se ocuparam das abordagens de engenharia, dentro do enfoque direcional do raciocínio ético.

Nesse sentido ele se justifica com muita lucidez e respeito a todos os teóricos da economia, dizendo que alguns de fato se interessam mais pelas questões de ordem ética, ao contrário de outros que visam mais a abordagem da engenharia, que tanto foi capaz de lançar luzes nas interrelações de que demandam análises altamente técnicas quando se trata da relação de mercado – que subjaz a produção e a troca.

Por meio dessa chave de leitura vimos que Sen não defende a tese de que uma abordagem ou outra tem de ser abolida, não se trata disso, como já dissemos para ele as duas abordagens têm suas relevâncias no que tange a dimensão econômica, social e política.

O que de fato lhe causa um certo incômodo é que a economia do bem-estar tradicional que emergiu de dentro do âmbito da filosofia moral, todavia da ética e da política, ao entrar em ação não tem levado minimamente em conta as considerações éticas que tanto influenciam o comportamento real das pessoas.

Contudo, para Sen, esse distanciamento causou um empobrecimento tanto para a ética quanto para a economia. E aqui está o problema central porque na visão de Sen, os problemas de ordem econômica, não se trata apenas de questões de ordem pragmáticas e utilitaristas, mas também questões de ordem moral e de justiça, ambos estreitamente

ligados a dimensão política e ética. Por isso, que “a economia desligada da ética é cega, ao passo que a ética desvinculada da economia é vazia, pois ambas possuem uma relação de interdependência”⁴³.

Um dos grandes problemas que Sen acentua e que tivemos a oportunidade de ver com clareza, é que com o avanço da economia moderna do bem-estar – que visa a maximização do autointeresse e ao utilitarismo, a economia positiva – se esquivou consideravelmente da economia normativa. Essa última dita normas e regras, ou seja, é uma economia que se pauta em deliberações éticas que tende a ficar atenta aos diversos aspectos que envolvem as relações econômicas, que subjaz as relações sociais-políticas que em si envolvem vários fatores. Por isso julgamos ser de suma importância trazer novamente a própria fala do autor que diz que a economia de fato afastou de maneira substancial da ética, porque:

a metodologia da chamada economia positiva não apenas se esquivou da análise economia normativa como também teve o efeito de lado uma variedade de considerações éticas complexas que afetam o comportamento humano real e que, do ponto de vista dos economistas que estudam esse comportamento, são primordialmente fatos e juízos normativos. (SEN, 1999, p.23).

Ao se esquivar das questões éticas a economia positiva deixou de incluir, ou ao nosso ver excluiu, os elementos tão fundamentais e de suma relevância para a vida humana como satisfações, direitos, liberdades e oportunidades concretas etc., tão necessários e fundamentais para o crescimento econômico, o desenvolvimento social e para a ordem social, em detrimento ao utilitarismo e a maximização de autointeresse ao criar objetivos limitados ao próprio bem-estar.

Como vimos, na visão de Sen, esse distanciamento tem causado vários problemas sociais que já foram elencados, mas que vale a pena ressaltarmos novamente por se tratar de uma crise humanitária a questão da fome, da desigualdade social e da extrema pobreza.

Por isso na visão de Sen, há uma necessidade urgente de ética e economia caminharem juntas novamente. Pois a reconciliação de uma com a outra tornará possível construir uma verdadeira relação civilizatória-urbana e humanizadora, evitando ou pelo menos minimizando, contudo, as injustiças e as desigualdades sociais. Quanto a reconciliação é o que buscamos tratar no terceiro e último capítulo e que vamos retomar de maneira bem sintética no final desse nosso trabalho monográfico.

⁴³ Cf. Comenta Eduardo GIANNETTI, na orelha do livro *Sobre Ética e Economia*, de Amartya Sen.

A partir dos estudos realizados acerca do pensamento seniano, podemos compreender que a economia (*oikonomía* = *oikos* + *nómos*) não é uma ciência abstrata, ou seja, desvinculada da realidade humana, pelo contrário, por ter originado-se do berço da filosofia moral e, portanto, do útero da filosofia prática, ela está intrinsecamente ligada à esfera da liberdade humana, ou seja, da ética e da política.

Porém, a relação entre ética e economia foi se desgastando com os avanços tecnológicos, científicos, comerciais e com o exacerbamento do comportamento autointeressado e utilitarista do agente econômico. Esses fatores desencadearam o distanciamento entre ética e economia.

Por isso, no último capítulo, Sen propõe a necessidade de ética e economia se entrelaçarem e andarem novamente de mãos dadas, buscando sempre um diálogo na tentativa de juntas construírem uma verdadeira relação civilizatória-urbana e humanizadora.

Sen assegura que a reconciliação entre ética e economia em um processo dialógico poderão, sem sombra de dúvidas, minimizar as injustiças e desigualdades que tanto assolam diversas sociedades. Já chegando ao final desse percurso queremos destacar que Sen é um teórico atento as diversas dinâmicas que causam as injustiças e as desigualdades sociais – que tanto atrofiam o mundo contemporâneo.

Dentre tantos outros estudiosos que se preocupam com as diversas temáticas capazes de gerar crises e desordem social, podemos perceber que de maneira minuciosa e com argumentos bem fundamentados, Amartya Sen pondera que a atividade econômica por si só, isolada de outros saberes, sobretudo, da ética não será capaz de resolver os diversos problemas causados por ela mesma, uma vez que se desvinculou da ética – que busca em si tratar das questões dos comportamentos morais das pessoas que tanto causam impactos na sociedade.

Salientamos enfaticamente de que as contribuições de Sen são de suma relevância para as sociedades que de fato desejam crescer economicamente, desenvolver socialmente no intuito de promover uma ordem social, ou senão pelo menos conhecer os princípios, as origens das desordens sociais, nesse mundo contemporâneo tão complexo e desafiador, mas também de possibilidades.

Enfim, a partir desse percurso investigativo concluímos que Sen, defende a tese de que a relação efetiva entre a ética e a economia focada no bem-estar social e não apenas na maximização do autointeresse e no pragmatismo, tem o potencial de fortalecer a democracia, fomentar o exercício da liberdade, a realização do sujeito e, muito

provavelmente, contribuir para a efetivação da justiça social que depende de decisões políticas e econômicas pautadas na ética pelos que detêm o poder.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. Nestor Silveira Chaves. 5ª ed. São Paulo: Atena, 1957.
_____. *Ética a Nicômaco*. Trad. Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

GIANETTI, Eduardo. *Vícios Privados, Benefícios Públicos? A Ética na Riqueza das Nações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIMA VAZ, H. C. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Manfredo A. *Ética e economia*. São Paulo: Ática, 1995.

SEN, Amartya. *A Ideia de Justiça*. Trad. Denise Bottmann e Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Desenvolvimento como Liberdade*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEN, Amartya. *Sobre Ética e Economia*. Coleção Prêmio Nobel. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*, volume 1. Trad. Alexandre Amaral Rodrigues e Eunice Ostrensky. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A Riqueza das Nações*, volume 2. Trad. Alexandre Amaral Rodrigues e Eunice Ostrensky. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Teoria dos Sentimentos Morais*. Trad. Lya Luft. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015